

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

AJEB lança 13ª Policromias

Silvana Ximenes Gomes Frota
silvanaxgfrota@gmail.com

Na qualidade de uma das diretoras de comunicação da Associação de Jornalis-tas e Escritoras do Brasil – AJEB – Seção do Ceará, tenho a satisfação de compar-tilhar com os leitores, o lançamento da 13ª Coletânea Policromias – com artigos e contos, de 37 mulheres cearenses.

Destas, onze nos representaram du-rante a 28ª Bienal Internacional do Livro, que se realizou recentemente, em São Paulo. O lançamento oficial ocorreu, no último dia 3 de agosto, por ocasião dos 52 anos desta augusta academia, come-morados com júbilo na sede da Academia Cearense de Letras.

Louve-se aqui, a dedicação da co-missão organizadora capitaneadas pela ex-presidente Vladia Mourão e pela atual presidente, Nadya Gurgel, que não me-diram esforços para a consolidação de mais essa coletânea, que retrata muitas histórias, em verso e poesia e que exal-tam mulheres da comunicação, da ciên-cia, da educação, das letras, do direito,

da filosofia, do teatro, das artes plásticas.

Traz artigos que retratam os pri-mores de ser mulher, seus desafios de ontem e de hoje, sobretudo nos tempos correntes tão coléricos e deletérios, fartos de misoginia e feminicídio. Além dos 37 textos, “Policromias” destaca também os seis textos vencedores do III Concurso Nacional Literário Prêmio Auri Moura Costa (2025).

Nosso poema no “Policromias” – in-titulado – Ode à minha mãe – retrata bem a realidade de uma mulher ser-taneja, que sofreu várias discrimina-ções pelo simples fato de ser pobre ou semialfabetizada, mas que soube, vencer a vida através do empreendedoris-mo. Contrariando todos os padrões da época, em plena década dos anos 1930, onde machismo dominava a sociedade e o ambiente familiar.

Falo de minha mãe, Maria do Carmo Ximenes Gomes, que do alto de seus 101 anos, é um testemunho vivo da cé-lebre frase “Lugar de mulher é aonde ela quiser”, e eu acrescento: embora com muitas lutas.

Paradoxo cruel na violência contra a mulher

Bruna Félix
bruna_felix@atlantico.com.br

Existe um paradoxo cruel na violência con-tra a mulher: Quanto mais o mundo avança, mais absurdo parece perceber o quanto algu-mas coisas continuam no mesmo lugar.

Criamos inteligências artificiais capa-zes de conversar, prever, criar e decidir. Construimos carros que dirigem sozinhos. Mandamos máquinas para outros planetas. Desenvolvemos tecnologias capazes de re-conhecer um rosto em segundos.

Mas ainda não conseguimos construir uma sociedade em que uma mulher possa simplesmente existir sem calcular riscos.

Que roupa eu vou usar? Posso voltar so-zinha? É seguro pegar esse caminho? Devo compartilhar minha localização? Será que ele vai aceitar um “não”? Será que vão acreditar em mim?

A tecnologia aprendeu a reconhecer nos-sos rostos antes de a sociedade aprender a respeitar nossos limites. E existe um parado-xo ainda mais perverso nisso tudo.

Durante muito tempo, ensinamos mu-lheres a criar estratégias para não sofrer

violência, enquanto dedicamos muito menos energia a questionar os comportamentos que produzem essa violência.

Não volte sozinha. Não beba demais. Não confie. Não provoque. Não se expo-nha. Se cuide.

A mulher cresce aprendendo a admi-nistrar o risco de uma violência que ela não criou.

E quando alguma coisa acontece, muitas vezes a primeira pergunta ainda procura nela uma explicação: onde estava? O que vestia? Por que foi? Por que ficou? Por que não denunciou antes?

O desenvolvimento de uma sociedade não deve ser medido apenas pela tecnolo-gia que ela é capaz de criar, pelos prédios que constrói ou pela riqueza que produz. E sim pela liberdade que as pessoas têm para simplesmente existirem.

Não podemos chamar de avanço uma sociedade que chegou tão longe tecnologi-camente, enquanto tantas mulheres ainda precisam olhar para trás quando cami-nham para casa.

Isso não é progresso. É um paradoxo que já deveria ter ficado no passado.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Tristonha

Ana Andrade
Ex-Correspondente O POVO

Manhã de segunda, amanheci resgatando uns forrós pesados e antigos, a última romântica, mas também pudera, nos fones truando “Um so-nho de amor” – Limão com Mel, no meio da letra da música, eis que escuto retumbante: “foi um dia tão tristonho quando você me deixou”. Gen-te?! Poesia pura, e pouco se fala da beleza que é falar a palavra “tristonho”, o que me lembra ao chamamento atual, porém nem tanto “menina tonta”, que ri e sonha, então a tradução ao pé da letra de “tristonho”. E é por que ainda não falei da importância dessa mistura para gripe. É mole?!

Seria “menino risonho que é triste e tonho?”, o que seria da comunicação sem as expressões.

Voltando, a manhã acontece e ao fundo vamos flutuando de Limão com Mel para a banda mais metaleira que abriu portas, vulgo Calcinha Preta, tem que respeitar.

Simplesmente forró eletrônico?! Alguém avisa.

“Vem me amar, vem pra mim, vem me amar, diz que sim que esse amor não vai ter fim”. Misericórdia!

As letras de hoje em dia carregam muitos sentimentos, mas quando me deparo com as cantigas de antigamente é possível traçar uma linha do tempo bem por alto de onde vêm, o re-pertório musical que me atravessa desde muitos anos atrás. Tão contagiante que quando menos se percebe estamos nos balançando pra lá e pra cá. É muita coisa misturada, né? Memória, afeto, lembrança de um tempo que foi, não se lembra de nada em específico. Às vezes, é mais a sensação de ser teletransportada para a época.

Tempos mais simples, talvez? Creio que não, afinal as letras traziam um misto de melancolia, romantismo piegas, beirando à cafonice, mas que era e ainda é admirável e interessante.



Às vezes, é mais a sensação de ser teletransportada para a época. Tempos mais simples, talvez?

CARLUS CAMPOS



A mulher mais amarga da cidade

Melissa Vasconcelos Gomes
Membro da Academia Ubajarense de Letras e Artes

Cezarina era a mulher mais alegre da cidade. Construiu sua oficina dentro de uma caverna, localizada ao lado da Grande Mansão dos Figueira. Cezarina vinha de uma boa família, co-nhecida como nobre, dentro do lugarejo em que vivia. Por iro-nia, todos os seus tios padeciam de enfermidades mentais. Sua origem era bastarda, e todos os seus relacionamentos foram traumáticos. A loucura quase consome sua vida. Cezarina se tornou a mulher mais rica da cidade, mas não fazia questão de ostentar bens materiais. Muito mais do que alegre, Ce-zarina era ingênua. Seu contato com o mundo e suas responsa-bilidades precoces fizeram-lhe converter em pedra.

Aos fundos da caverna,

Cezarina construiu uma man-são. Viveu sozinha. Escolheu não ter filhos. Nunca casou. Entendeu que teria de cons-truir seu legado sozinha, sem interferências alheias. Após uma ameaça de queda, Ceza-rina isolou-se. Em seu coração e sua solidude, portava a paz de ter cumprido suas missões. Cezarina também era escrito-ra. Cansou de uma vida con-dicionada a provar valores. Guardou seus textos em uma caixa. Não fazia sentido viver orbitando em torno de apro-vações e bajulações. Largou o trabalho de ourives. Ninguém mais queria chegar perto de Cezarina. Quem quisesse, seria espantado. Fez muitos anéis de casamento e uniu muitos ca-sais. Com o dinheiro arrecada-do, publicou todos os seus tex-tos. Escreveu cinquenta livros. Cezarina virou a mulher mais amarga da cidade.

Pitiá

Maria José Monte Holanda
Escritora

Árvore brasileira da família das Apoci-náceas, de casca áspera acinzentada, flores brancas e pequenas. Utilizada no estado do Ceará, no Maciço do Baturité para confecção de móveis rústicos. Para nós familiares, a pa-lavra soa com outro significado bem mais pro-fundo, íntimo e, agora, saudoso.

Chico Monte, irmão, comprara um terre-no não tão distante da nossa antiga morada em Acarape, em uma região serrana, ina-bitada, mata agreste e fechada. O local tem esse nome pela quantidade de Pitiás que ali se encontra. Essa subida íngreme, onde a mata, pássaros e outros bichos reinam, sempre en-frentada por ele com satisfação, familiares e, às vezes, alguns amigos que admiravam e gostavam daquela aventura.

O banho de bica, água fria proveniente de olho d’água, e no inverno uma barragem mar-guada por mata virgem, proporcionava bons banhos que nos lembrava os de outrora no rio Pacoti. À noite, sentados ao redor da fogueira e assados de milho, carne ou peixe, mais tarde apreciarmos à saída da lua por trás das matas, ou milhares de estrelas que ali se permitiam brilhar majestosamente.

Foram dias alegres, diferente de tudo que vivemos nessa época barulhenta, onde a so-fisticação era estarmos naquele local único, agreste, rude e acolhedor de tantas coisas im-provisadas. E tudo funcionava e nos fazia bem. As subidas de Jeep ou Rural, pois só subia carro quatro por quatro, à noite algumas vezes por nós enfrentadas, mas que os donos da exótica morada, Socorro, Rafaela e Chico, faziam com frequência. Ali nos sentíamos próximos ao céu e nas noites de lua, que por conta da populari-zada luminosidade elétrica já não nos permite aprecia-la, ali ela reinava absoluta. Mas o ma-lefício humano ali chegou seguido de pequenos roubos e Chico resistindo, e os familiares já te-merosos. Até que os malfeitores conseguiram esvaziar todo conteúdo existente e necessário para funcionamento de uma casa. Tristeza, impotência, raiva, um misto de sentimentos que substituíram alegria, contemplação, dias e noites naquele espaço que julgávamos além da vagabunda perversidade humana que hoje grassa impunemente.